

## **Estímulo para Leopold Nosek <sup>1</sup>**

Em 2005 em uma entrevista ao jornal Folha de São Paulo, você afirmou:

“A política nos proporciona, atualmente, perplexidade, horror e desesperança. O desamparo básico é o da destruição dos anseios e dos sonhos acalentados por todos”.

Em 2017 você propôs uma diferenciação da ideia de violência e da ideia de mal. Como analistas, testemunhamos o universo amoroso coexistir inevitavelmente com o agressivo e o destrutivo. E, como você citou, acompanhando Hannah Arendt, podemos ver o mal como a destituição do humano, aquilo que o coisifica.

Essa concepção reforça a sua crítica à tendência positivista que por suas características ignora o caráter alegórico, as metáforas e a poesia.

Na ocasião você já apontava para a relevância de uma precariedade na construção psíquica e sua relação com as possibilidades elaborativas do espírito. E também apontava a questão de um excesso de estímulo, bem como denunciava a violência na falta de uma presença que acolhe. Focando a migração da população rural para a periferia da cidade, você denunciava um “quase genocídio de almas” consequente com o esgarçamento das relações sociais.

Levando-se em conta o agravamento da situação social, como você vê estas questões nos dias atuais? Como discutir estas questões sem perder a especificidade radical da Psicanálise?

---

<sup>1</sup> Este estímulo foi preparado pela comissão organizadora do I Simpósio Bienal “O mesmo, o outro: Psicanálise em movimento” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, para o “Fórum Violência e alteridade”.

